

O CONCEITO DE DIALÉTICA EM LUKÁCS¹

THE DIALECTIC CONCEPT IN LUKÁCS

EL CONCEPTO DIALÉCTICA EN LUKÁCS

Rafael Rossi²

István Mészáros é um autor que entre muitas das polêmicas que provoca e suscita na atualidade quanto à estruturação do modo de produção capitalista, a questão do método e a relevância da discussão teórica inerente ao materialismo histórico e dialético é uma de suas principais contribuições. Professor Emérito da Universidade de Sussex na Inglaterra, também acumula em sua carreira o prêmio Attila József em 1951 e o Isaz Deutscher Memorial, em 1970. A discussão que realiza no campo do marxismo extrapola as barreiras acadêmicas e institucionais em potencialidade de reflexão e debate. Sua experiência como operário e sua trajetória de militância ao lado de sua companheira Donatella lhe permitiram sentir efetivamente a desigualdade social sob a vigência perversa e dominante do capitalismo.

O livro aqui apresentado constitui em um ensaio elaborado entre 1967 e 1968 e, de acordo com José Paulo Netto (militante do Partido Comunista Brasileiro – PCB e professor da Escola de Serviço Social na Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ) – que realiza a apresentação da obra – é um dos estudos de maior criatividade já publicados sobre a concepção de dialética que está presente no desenvolvimento da obra e do conjunto de Gyorgy Lukács. Como discípulo de Lukács, Mészáros não rompe com o pensamento de seu mestre sem encontrar nele um núcleo fundante de problematizações e articulações das mais diversas ordens para compreender, por exemplo, as categorias da “totalidade” e da “mediação” na ontologia do ser social, demonstrando reconhecimento teórico e autonomia intelectual.

¹ Resenha livre da obra MÉSZÁROS, I. *O conceito de dialética em Lukács*. São Paulo: Boitempo, 2013.

² Doutorando em Educação pela UNESP/FCT de Presidente Prudente-SP; Docente do curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFMS – Campus de Campo Grande. E-mail: r.rossi@ufms.br.

O livro está estruturado em uma apresentação – como já mencionamos -, um prefácio, sete capítulos, dois apêndices com textos de Mészáros sobre Lukács, uma cronologia resumida, bibliografia e um índice remissivo. A leitura da obra demonstra a pertinência do alerta de José Paulo Netto na apresentação de que toda a diferenciada e múltipla abordagem desenvolvida no âmbito das pesquisas feitas sobre o pensamento lukacsiano irá exigir do pesquisador que intenta sua compreensão uma postura omnidimensional para que “a apreensão desse riquíssimo universo cultural supõe um sujeito também culturalmente rico”. (PAULO NETTO, 2013, p. 15)

Mészáros realiza uma análise sobre o conjunto da obra de Lukács, mas a maneira pela qual o faz é de suma importância para explicitar ao leitor a importância e importância de superação da abordagem mecânica da prática dualista de cunho maniqueísta. Mészáros consegue assim proceder, pois apreende o conjunto como unidade, como continuidade e não apenas procedendo uma interpretação que enxerga “rupturas radicais”. Para iniciar uma aproximação com a dialética na obra lukacsiana é preciso lembrar que após o término de sua obra “Estética” o autor deu início a uma empreitada ambiciosa e de suma relevância: redigir uma Ética de modo sistematizado. Entretanto, apesar de produzir um esboço, chega à conclusão que era preciso escrever uma parte introdutória a respeito da ontologia do ser social. Eis que essa introdução se tornara uma impressionante obra, possuindo em torno de 02 mil páginas, intitulada: “Para uma ontologia do ser social”, obrigado, a seu turno, a escrita de “Prolegômenos para uma ontologia do ser social” que Lukács não teve tempo de imprimir seus últimos retoques, em função de sua morte em 1971.

Essa ressalva é necessária, pois como aborda Mészáros a questão da dialética sempre fora uma preocupação candente em Lukács. Desde “História e consciência de classe”, passando por “O jovem Hegel” e “Moses Hess e os problemas da dialética idealista”, a dialética se encontra como tema presente não do ponto de vista prático utilitário e fragmentado. Ao contrário, a “racionalidade dialética” e as “mistificações” são articuladas de modo oportuno e sempre embasadas e influenciadas pelo período histórico-social em que o autor vive, exprimindo vivência e coerência intelectual engajada na pesquisa e concretização das relações humanas socialistas. Mészáros chega a elencar três grandes argumentações e justificativas das principais razões que levaram Lukács à preocupação com os problemas da dialética.

Em primeiro lugar é preciso lembrar o “marxismo vulgar” que se infiltra e penetra no movimento organizado da classe trabalhadora. Há a questão dos “ataques

dogmáticos à dialética” e “as glorificações do materialismo mecanicista”, ou seja, a presença de tendências ideológicas e políticas que representavam a expressão de um “dogmatismo mecanicista”. Assim, o autor nos explica que a defesa que Lukács faz de Hegel se dá nesse sentido, isto é: uma defesa da pertinência e validade metodológica universal inerente à perspectiva e abordagem dialética.

Em segundo lugar está a questão do “legado intelectual” de Marx. Implica em pensar nas empreitadas que Marx investiu no campo da teoria, porém fora impossibilitado de concretização real nos diversos campos: história, estética, ontologia, epistemologia, ética etc. A relação entre “sistema” e “história” é sempre retomada por Lukács no que concerne aos problemas da dialética. Já, em terceiro lugar, está a questão da “racionalidade dialética” em um contexto histórico e social em que a humanidade se depara com os efeitos destrutivos do modo de produção dominante. A razão hegeliana e a dialética na versão marxiana parecem desafiadoras e provocativas, suscitando o debate a respeito de diversas tendências filosóficas e artísticas.

Avançando em sua análise Mészáros assevera sobre os riscos de se dividir duramente na análise sobre filósofos “o jovem X” e “o maduro X” intencionando uma oposição entre um e outro. A ideia “sintetizadora fundamental” pode mudar significativamente, assim como os contextos particulares; porém isso não quer dizer que é preciso haver uma completa rejeição ou repressão da ideia original. A esse respeito:

Um bom exemplo disso no século XX é Gyorg Lukács. Suas obras pós-idealistas revelam, na abordagem de todos os grandes problemas, a mesma estrutura de pensamento, embora ele tenha genuinamente deixado para trás seus posicionamentos idealistas originais. No entanto, aqueles que não conseguiam distinguir entre a estrutura geral do pensamento de um filósofo e sua articulação idealista ou materialista insistiram que ele “permaneceu sempre um idealista hegeliano” e, de acordo com suas próprias preferências, elogiam-no ou culpam-no por isso. Ao fazê-lo, também ignoraram implicitamente o fato de que o próprio Marx foi revolucionário muito antes de se tornar materialista, e não deixou de sê-lo posteriormente (MÉSZÁROS, 2013, p. 33).

Esse trecho de Mészáros ajuda a compreender sua leitura particular a respeito da obra de seu mestre sem o “endeusar”, mas sim, reconhecendo a abrangência e potencialidade para compreensão do momento atual à luz do pensamento luckacsiano. Esse é o caso da adesão ao marxismo, pois esse processo não ocorreu de modo rápido e inesperado. Lukács inicia já em sua juventude uma dinâmica de síntese dialética, não sendo possível assistirmos a uma “ruptura radical” de sua obra, sendo indicado pelo autor a busca pelos conceitos de “monismo”, “formalismo”, “dualismo”, “oportunismo”, “oposicionismo”,

“rebeldia” etc. Assim, é importante também se atentar para as experiências construídas e que Lukács vivenciou, pois: “independente dos limites de adaptabilidade do filósofo individual, o fato é que ele não aprende nos livros as questões importantes de sua época, mas as vive, isto é, se for um homem significativo” (MÉSZÁROS, 2013, p. 34).

Ao longo da obra fica nítido o conhecimento e articulação com a cultura, arte, filosofia, política e ciência com a qual o autor constrói seu ensaio comprovando ser – parafraseando José Paulo Netto – um indivíduo “culturalmente rico”. É o que podemos perceber quando é argumentado que:

Na década de 1920, as energias de Lukács se dividem entre as tarefas políticas e os estudos filosóficos. Na política, sua posição não é nada feliz, e ele sofre ataques após ataques dos funcionários da Internacional Comunista e dos líderes das facções de seu próprio partido. Depois da derrota das “Teses de Blum”, até mesmo sua intervenção política periférica chega ao fim. Daí em diante, suas atividades se concentram no trabalho teórico e, mais uma vez, durante um curto intervalo depois da guerra na Hungria, na política da cultura. Os estudos filosóficos, na forma de resenhas críticas rigorosamente argumentadas, dão prosseguimento às investigações que foram abandonadas em *História e Consciência de classe*. (Os mais importantes são os artigos sobre Bukharin, Lassale e Moses Hess. O livrinho sobre Lenin pertence a uma classe à parte, caracterizada por uma síntese clara de certos problemas centrais da dialética –elaborados em *Histórica e consciência de classe* – com um notável senso de realidade política.) Podemos perceber nesses estudos o impacto de uma crescente assimilação da economia política, embora o ponto alto a respeito desse tema seja uma importante obra sistemática escrita na década de 1930: O jovem Hegel sobre as relações entre dialética e economia (Como programa, o tema central desse livro aparece pela primeira vez em “Moses Hess e os primeiros problemas da dialética idealista”) (MÉSZÁROS, 2013, p. 53, grifos originais).

É com essa rica fonte de informações e interconexões que o leitor de “O conceito de dialética em Lukács” se depara do começo ao fim. Duas categorias de suma relevância para o materialismo histórico e dialético e o debate em Educação constam no livro e precisam ser compreendidos e aprofundados (tarefas essas que Mézszáros desenvolve com extrema naturalidade e maturidade): a totalidade e a mediação. Lukács possui uma revolta contra as fragmentações capitalistas e o isolacionismo, construindo uma análise sempre – e cada vez mais – abrangente. Já em sua obra “A teoria do romance” a categoria da totalidade já está presente, porém fora em “História e consciência de classe” que o pensador atinge sua generalização de mais alto grau.

Enfim, a empreitada que Mézszáros desenvolve no livro que aqui apresentamos constitui uma rica análise no sentido das problematizações que elucida e nas interconexões que encontra e realiza, fazendo com que o leitor possa se aproximar ainda mais das importantes e pertinentes contribuições de Lukács. Apesar do contexto histórico e social

atual ser diferente e impor desafios ao avanço da classe trabalhadora que jamais foram vislumbrados, o referencial lukacsiano possui uma ampla potencialidade contra a ofensiva do desenvolvimento do modo de produção capitalista, tornando cada vez mais instigante e necessária a frase de Lênin de que “sem teoria revolucionária não há movimento revolucionário”.

Recebido em setembro de 2014.
Aceito em dezembro de 2014.